

EXPOSIÇÃO  
MUSEU DE  
IMAGENS DO  
INCONSCIENTE



Arqueologia da Psique



“Ver-se-á um deus de imenso poder,  
face brilhante, jovem, cabelos dourados, vestindo túnica branca  
e portando uma coroa de ouro, usando àmplas calças.  
Ver-se-ão raios de luz saltarem de seus  
olhos e estrelas de seu corpo.”

Texto da Liturgia Mitraica





# Apresentação

Nise da Silveira iniciou um trabalho revolucionário a partir de seu inconformismo com as práticas psiquiátricas utilizadas na década de 40, tais como eletrochoque, insulino-terapia, lobotomia, confinamento. Criando a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II (Rio de Janeiro), busca fundamentar cientificamente esta terapêutica, conduzindo-a não como mera ocupação ou utilização de mão-de-obra nos serviços hospitalares, como era de uso na época, mas procurando beneficiar os indivíduos ali internados com atividades que lhes possibilitassem um meio de expressão e de resgate de sua individualidade.

Através desse método, os resultados não demoraram a aparecer: as melhoras clínicas se acentuavam e, dentre as atividades oferecidas, pintura e modelagem se destacaram, gerando uma grande produção, que ela logo percebeu ser um meio de

acesso ao enigmático mundo interno do esquizofrênico. Surgem imagens inusitadas, temas e símbolos recorrentes que a intrigam. Reunindo essas obras com o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas sobre seus significados, funda então, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente.

Observava que muitas dessas imagens configuravam formas circulares ou próximas do círculo – símbolos de unidade e ordenação – extremamente semelhantes a imagens utilizadas para meditação ou representação da divindade em religiões orientais (mandalas).

Como pessoas que perderam a unidade do pensamento, instância máxima da consciência, poderiam produzir em grande quantidade os símbolos da unidade? E por quê?

Pesquisadora incansável, resolveu então escrever uma carta ao Professor Jung, juntando fotografias de algumas dessas imagens produzidas por diferentes autores. A resposta

de Jung não tardou: eram mesmo mandalas e correspondiam ao potencial autocurativo da psique, em oposição à dissociação, ao estado de confusão psíquica do ser, uma manifestação espontânea do inconsciente para compensar a situação caótica vivida por estes indivíduos.

Deste primeiro contato originou-se um relacionamento que não só viria introduzir a psicologia junguiana no Brasil, mas constituir-se-ia também numa nova abertura para melhor compreensão da psicose e dos conteúdos que daí emergem. Confirmava-se, então, que as atividades expressivas, além de possuírem validade terapêutica, eram também excelente meio para o conhecimento dos processos que se desenrolam na obscuridade do inconsciente.

Muitas das imagens surgidas nos ateliês possuíam espantosas semelhanças com representações configuradas através da história da humanidade. (É bom lembrar que nossos autores, internados em hospital público e vindos de classe social menos favorecida, são em sua maioria desprovidos de conhe-

cimentos mais amplos que possam explicar esses fenômenos como meras recordações de algo aprendido). Na tentativa de compreender o significado dessas imagens, Nise, orientada por Jung, começa a pesquisar outras áreas do conhecimento como, por exemplo, mitologia, história da arte e da religião.

Como diz Nise, “essas pesquisas não constituem diletantismo teórico de eruditos. Têm principalmente caráter prático, pois a tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens emergentes do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo.

Aplicando à terapêutica ocupacional as descobertas de Jung, abrem-se novas perspectivas para este método, tanto para neuróticos como para psicóticos. O exercício de atividades poderá enriquecer-se de importante significação psicológica. Compreender-se-á, por exemplo, o valor terapêutico que virá adquirir a proposta ao doente mais regredido de atividades vivenciadas e utilizadas pelo homem primitivo para exprimir suas violentas emoções. Em vez dos

impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhe forneceremos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e o mais eficaz”.

Ao longo dos anos este trabalho vem contribuindo para modificar profundamente o pensamento e as práticas psiquiátricas, servindo de alicerce e inspiração para profissionais, instituições e grupos de estudo e pesquisa em diversas partes do mundo.

Na exposição ora apresentada, poderemos ver alguns exemplos de

paralelismo entre imagens espontâneas, atuais, produzidas por internados do Centro Psiquiátrico Pedro II e imagens que constituem achados arqueológicos em distantes épocas e diferentes regiões do mundo. Uma verdadeira viagem através do tempo, desde o período neolítico, passando pela civilização egípcia, indo-persa e grega até a alquimia na Idade Média.

A emergência em nossos dias de conteúdos e símbolos, que fazem parte da história humana em diferentes épocas e locais, comprova a historicidade e a atemporalidade da psique.

*Luiz Carlos Mello*



Estudo comparativo entre obras plásticas do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente e achados arqueológicos ou históricos.



# Arqueologia da Psique

Aquele que estudar a psique em profundidade verificará, muitas vezes surpreendido, estreitas semelhanças entre conteúdos emergentes do inconsciente de indivíduos contemporâneos e achados da ciência arqueológica.

Ao longo de sua obra, Freud muitas vezes estabelece analogia entre a análise psíquica e o trabalho do arqueólogo. Já nos primórdios da psicanálise, em 1892, Freud compara seu método de investigação da etiologia da histeria às pesquisas arqueológicas. “Suponhamos que um explorador chega à região pouco conhecida, na qual despertam seu interesse ruínas constituídas de restos de paredes e fragmentos de colunas e lápides com inscrições quase apagadas e ilegíveis. Ele poderá contentar-se em examinar a parte visível, interrogar os habitantes das cercanias, talvez semi-selvagens, sobre as tradições referentes à história e à significação daquelas ruínas

monumentais, tomar nota de suas respostas e prosseguir viagem. Mas também poderá fazer outra coisa: poderá ter trazido consigo instrumentos de trabalho, conseguir que os indígenas o auxiliem em seu labor de investigação e, com eles, atacar o campo das ruínas, praticar escavações e descobrir, a partir dos restos visíveis, a parte sepultada”(...).

Em 1922, em **A Psicanálise e a Teoria da Libido**, Freud escreve: “No curso de investigações sobre a forma de expressão criada pela elaboração dos sonhos, surgiu o surpreendente fato de que certos objetos, situações e relações são representados indiretamente por símbolos, usados pelo sonhador sem que este compreenda sua significação e para os quais, em regra, não oferece associações. Sua tradução terá que ser feita pelo analista, que somente a descobrirá empiricamente, adaptando-a experimentalmente no contexto. Mais tarde verificou-se que usos lingüísticos,

mitologia e folclore apresentavam as mais amplas analogias com os símbolos dos sonhos. Os símbolos levantam os problemas mais interessantes e até então não resolvidos. Parecem ser fragmentos de um equipamento mental herdado, extremamente antigo. O uso de um simbolismo comum estende-se muito para atrás do uso de uma linguagem comum”.

Noutro ensaio, **A Civilização e seus Desconfortos**, de 1930, retoma a mesma comparação. Imagina Roma vista num corte em profundidade, conservadas as suas diversas fases: a Roma quadrata, pequena colônia erguida sobre o monte Palatino; a Roma dos Septimontium, que reunia a população instalada sobre sete colinas; depois a área delimitada pela muralha de Sérvio Túlio; a seguir, a cidade cercada pelas muralhas construídas pelo Imperador Aureliano e, posteriormente, cada fase de transformação da cidade eterna, tudo preservado, todas as fases conservadas intactas e não apenas ruínas esparsas, correspondentes a este ou àquele período.

Assim seria a vida psíquica do

inconsciente. Seus conteúdos manter-se-iam permanentemente iguais, nada se apagaria nem se destruiria. No seu último livro **Moisés e a Religião Monoteísta** (1938), Freud retoma e fortalece o tema da herança arcaica. “O comportamento de uma criança neurótica em relação a seus pais, no complexo de Édipo e no complexo de castração, apresenta-se injustificado em certos casos e só pode ser compreendido filogeneticamente em relação a fatos vividos por gerações anteriores. Valeria a pena reunir e publicar o material sobre o qual me baseio para emitir esta hipótese. Creio que sua força demonstrativa seria suficiente para justificar outras suposições e poder afirmar que a herança arcaica dos homens encerra não só predisposições, mas também traços de recordações vividas por nossos primeiros antepassados. Deste modo a extensão e a importância da herança arcaica aumentariam extraordinariamente”.

Portanto, permanecem gravadas sob as experiências do indivíduo as experiências ancestrais. Estudando as marcas persistentes dessas expe-

riências, sem dúvida Freud trabalhou como um arqueólogo da psique.(...)

Jung praticou, na psique, investigações de tipo arqueológico em dimensões até então ainda não realizadas. Suas principais descobertas fizeram-se na área das camadas subjacentes ao inconsciente pessoal, nas profundas camadas psíquicas que constituem o lastro comum a todos os homens e onde nascem as raízes de todas as experiências internas fundamentais, das religiões, teorias científicas, concepções poéticas e filosóficas.(...)

Desde o início, ele via o inconsciente num constante trabalho de revolver conteúdos, de agrupá-los e de reagrupá-los. A imagem arquetípica representa não somente alguma coisa que existiu num passado distante, mas também alguma coisa que existe agora, isto é, o arquétipo não é exatamente um vestígio, mas um sistema vivo funcionando no presente.

Mais tarde, porém, através da experiência clínica, chegou à conclusão que algo ainda mais importante acontecia: os conteúdos do inconsciente não se mantinham ne-

cessariamente iguais para sempre. Eram susceptíveis de metamorfoses. O inconsciente sofre mudanças e produz mudanças, influencia o ego e poderá ser influenciado pelo ego.

Será possível acompanhar essas mudanças através dos sonhos, nos casos individuais e nas imagens pintadas quando estudadas em séries, sobretudo nos psicóticos.

Característica comum a todas essas pinturas é a presença de um simbolismo primitivo. Frequentemente nelas se constata qualidades arcaicas inegáveis, que indicam a natureza das forças criativas que lhes estão subjacentes. “Trata-se de correntes de forças irracionais, produtoras de símbolos que fluem através de toda a história da humanidade, e são tão arcaicas que não é difícil encontrar para elas paralelos na arqueologia e na história comparada das religiões”. Podemos, portanto, admitir que essas imagens surgem das regiões da psique, que Jung denominou inconsciente coletivo. Sob essa denominação, ele entende um funcionamento psíquico inconsciente comum a todos os homens, fonte não

só das pinturas simbólicas modernas, mas de toda a produção similar do passado. Essas imagens nascem de uma necessidade natural e vêm satisfazê-la.

Tendo presentes esses dados, compreender-se-á por que a psicologia junguiana não se interessa unicamente em fazer achados arqueológicos nas produções do incons-

ciente e em interpretá-los como sobrevivências de mundos mais antigos. Afigura-se a esta psicologia ainda mais importante descobrir, acompanhar, nessas produções, o contínuo processo de elaboração dos conteúdos da psique.

Nise da Silveira

(Texto extraído do documentário Arqueologia da Psique)

“Do mesmo modo que o corpo humano é um agrupamento completo de órgãos, cada um o termo de longa evolução histórica, também devemos admitir na psique organização análoga. Tanto quanto o corpo, a psique não poderia deixar de ter sua história.”

***C. G. Jung***

# Neolítico



Cultura Tisza  
5000 a.C.

“Raramente vi, talvez mesmo nunca haja vista, um só caso que deixasse de recuar às formas de arte do neolítico ou revelar evocações de orgias dionisíacas”.

C. G. Jung



**Adelina Gomes**

64 x 36 x 37cm  
cópia em gesso  
de modelagem  
em barro - 1950

# Rituais

Em linguagem psicológica, Jung interpreta os rituais como recursos instintivos de defesa para apaziguar a ansiedade diante das grandes forças originadas na profundidade do inconsciente: "Com esse objetivo, o homem arcaico construiu instintivamente as barreiras dos rituais e, ainda hoje, em situações psíquicas de ameaçadora desordem, os mesmos

procedimentos são postos em ação".

A idéia de transformação e renovação por intermédio da serpente tem fundamentos arquetípicos que podem ser encontrados, com freqüência, na história da humanidade. Animal que muda de pele e se renova, a serpente é também utilizada em rituais como instrumento de regeneração.

Sacrifício para a Divindade Serpente – Placa Votiva – Sialesi (Eteonis) Beócia





**Carlos Pertuis**

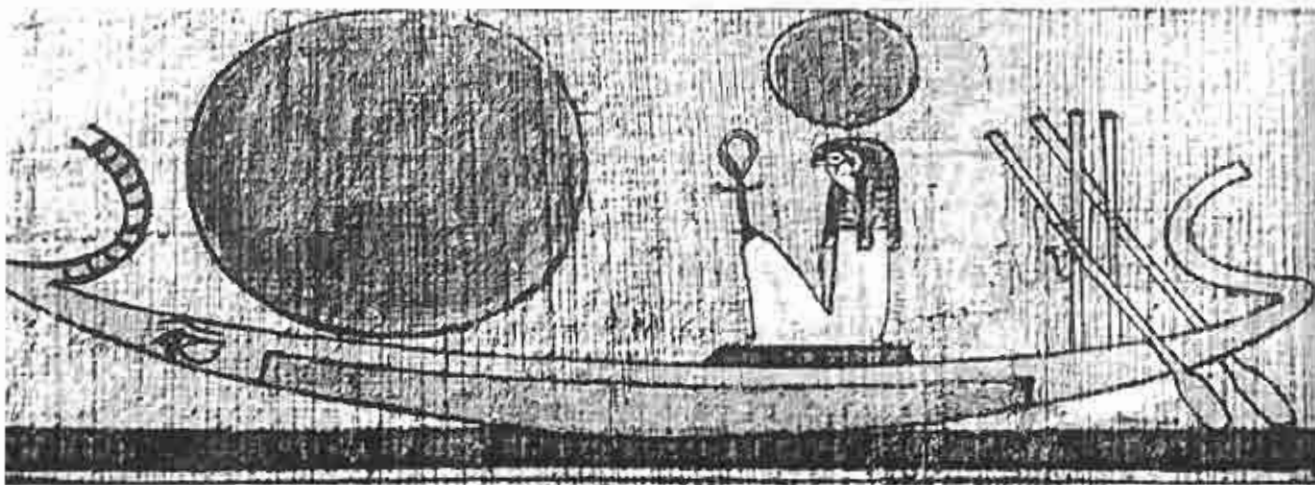
49 x 67cm – óleo sobre papel – 1957

# Mitos Egípcios

Há milênios os homens jamais deixaram de tentar captar a imagem do Sol, esculpindo-a ou gravando-a em pedra, madeira, ou evocando sua imagem no desenho ou na pintura. O astro foi um deus para nossos ancestrais e permanece o símbolo de todas as forças celestes e terrestres, o regulador de todos os aspectos da vida.

Sua veneração é encontrada através dos tempos, alcançando grande desenvolvimento sobretudo no Egito, Peru e México, países onde a organização política e o culto ao Sol atingiram o apogeu. E, ainda em nossos dias, o sol desperta inúmeras imagens e símbolos.

Deus Rá e a Barca do Sol  
*Detalhe de um papiro da 19ª Dinastia Egípcia*





**Carlos Pertuis**

33 x 48 cm – lápiz de cera  
sobre papel – 1976

# O Tema Mítico de Mithra

No último período da vida de Carlos, suas pinturas giraram cada vez mais em torno do tema mítico do Sol.

Ressaltam, entre estas imagens, figuras masculinas de grandes proporções providas de coroas e outros atributos divinos bastante próximos de descrições de Mithra, deus indopersa, dadas por seus adeptos.

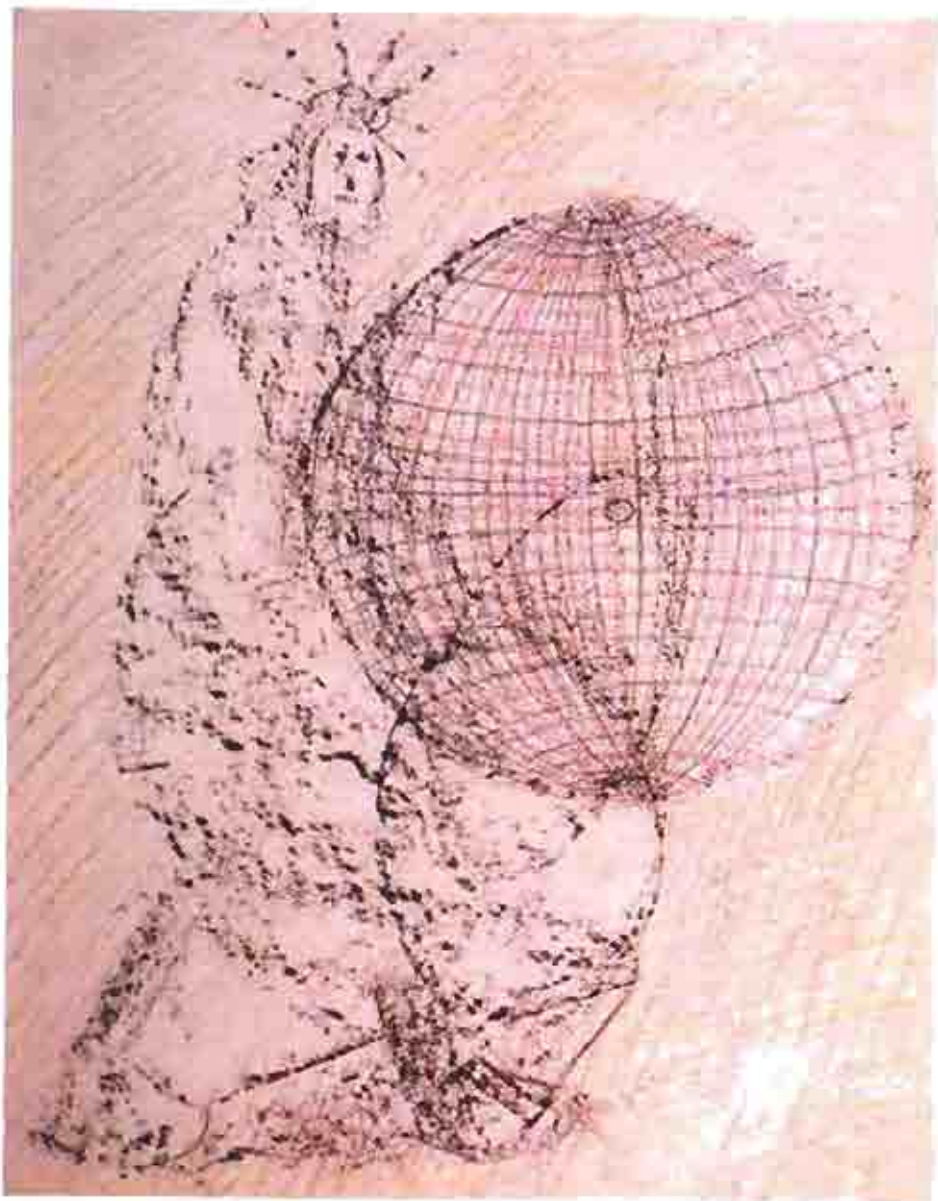
Segundo narra o mito, foi Mithra

quem instituiu o Sol governador do mundo, entregando-lhe o globo, símbolo de poder que ele próprio trazia na mão direita desde o instante de seu nascimento.

Mithra é um deus solar e herói, cujo mito narra a dolorosa procura da consciência que o homem de todos os tempos vem representando sob mil faces.



Deus-Sol instituído por Mithra,  
governador do mundo – baixo-relevo



**Carlos Pertuis**

51 x 40 cm  
lápiz de cor  
sobre papel – 1975